

o poder

naomi alderman

Tradução de Sónia Maia



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, locais e incidentes são fruto da imaginação da autora ou usados de forma ficcional, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, ou com acontecimentos ou locais reais é pura coincidência.

Para a Margaret e o Graeme, que me mostraram maravilhas

O povo foi ter com Samuel e disse-lhe: «Dá-nos um Rei, para que nos guie.»

E Samuel disse-lhe: «Isto é o que fará um Rei que vos governe: convocará os vossos filhos para que corram com as suas quadrigas e os seus cavalos. Disporá deles conforme lhe aprouver: fará deles comandantes de milhares ou capitães de cinquenta, fá-los-á lavrar as suas terras, fazer as colheitas, fabricar as suas armas e as suas quadrigas. Levará as vossas filhas para fabricarem perfumes para ele, para cozinharem os seus alimentos ou fazerem o seu pão. Tomará os vossos campos, as vossas vinhas e os vossos olivais — oh, tomará os melhores de entre eles e dá-los-á aos seus sequazes. E tomará muito mais. Um décimo dos vossos cereais e dos vossos vinhos — tudo isso será entregue aos seus aristocratas preferidos e servos fiéis. Os vossos servos e servas, os vossos melhores homens, os vossos burros — sim, levá-los-á para os colocar ao seu serviço. Apoderar-se-á de um décimo dos vossos rebanhos e vós mesmos tornar-vos-eis seus escravos. Nesse dia, acreditem, suplicarão por libertação desse Rei, do Rei que pedistes, mas, nesse dia, o Senhor não vos dará resposta.»

Mas o povo não quis ouvir Samuel. Disse: «Não. Dá-nos um Rei que nos governe. Assim, seremos como todas as outras nações. Dá-nos um Rei que nos guie e nos conduza nas batalhas.»

Quando Samuel ouviu o que o povo disse, foi contá-lo ao Senhor.

O Senhor respondeu: «Dá-lhes um Rei.»

1 Samuel 8

Associação de Escritores Masculinos
New Bevand Square

27 de outubro

Cara Naomi,

Acabei o maldito livro. Aqui to envio, com todas as partes e desenhos que o compõem, na esperança de que me dê alguma orientação ou de que, pelo menos, eu consiga finalmente ouvir o seu eco, ao atirá-lo ao poço, como uma pedra.

Em primeiro lugar, vais perguntar-me o que é. Prometi que não seria «mais um livro árido sobre História». Ao fim de quatro livros, compreendi que o leitor comum não quer dar-se ao trabalho de desbravar montanhas infundáveis de provas, que ninguém quer saber os pormenores técnicos da datação de achados ou da comparação de estratos. Já vi os olhos da assistência ficarem vazios enquanto tentava explicar as minhas pesquisas. Por isso, o que fiz aqui foi uma espécie de obra híbrida, algo que espero que seja mais apelativo para as pessoas comuns. Não é bem História, nem é bem um romance. É uma espécie de “romanceamento” do que os arqueólogos concordam ser a narrativa mais plausível. Incluí algumas ilustrações de descobertas arqueológicas que espero sejam sugestivas, mas os leitores podem ignorá-las — e estou certo de que muitos o farão.

Tenho algumas perguntas a fazer-te. É muito chocante? Será demasiado difícil aceitar que algo como isto possa, algum dia, ter acontecido, ainda que em tempos muito remotos? Poderei fazer alguma coisa para que tudo isto pareça mais plausível? Sabes o que se diz acerca de a “verdade” e a “aparência de verdade” serem opostos.

Incluí alguns dados terrivelmente perturbantes acerca da Mãe Eva... mas todos sabemos como funcionam estas coisas! Certamente ninguém ficará muito incomodado... seja como for, hoje todos afirmam ser ateus. E todos os “milagres” são, na verdade, explicáveis.

De qualquer modo, peço desculpa, não vou dizer mais nada. Não quero influenciar-te, prefiro que leias e me dê a tua opinião. Espero que o teu livro

esteja a correr bem. Mal posso esperar para o ler, quando estiver pronto. *Muito* obrigado por isto. Fico-te muito grato pelo tempo que vais conceder-me.

Um abraço,
Neil

Nonesuch House
Lakevik

Caro Neil,

Uau! Que delícia! Estive a folhear o livro e mal posso esperar para mergulhar nele. Já vi que incluístes algumas cenas com soldados, agentes da polícia e “ganges criminosos” masculinos, como disseste que farias, seu atrevido! Não preciso de te dizer o quanto gosto desse tipo de coisa. Estou certa de que te lembras. Estou quase a saltar da cadeira.

Estou muito curiosa para ver o que fizeste com a premissa. Para dizer a verdade, será uma agradável variante do meu livro. O Selim diz que, se o próximo não for uma obra-prima, me deixará por uma mulher que *saiba* escrever. Não me parece que ele faça a menor ideia de como estas observações bruscas me fazem sentir.

Mas voltemos ao que interessa! Estou ansiosa por isto! Acho que gostaria mais deste “mundo governado por homens” de que me tens falado. Seria, com certeza, um mundo mais gentil, mais atencioso e — atrevo-me a dizê-lo — mais *sensual* do que aquele em que vivemos.

Voltarei ao contacto em breve, meu caro!

Naomi

O Poder

Um romance histórico

NEIL ADAM ARMON

A forma do poder é sempre a mesma; tem a forma de uma árvore. Das raízes às pontas, o tronco central ramificando-se e voltando a ramificar-se, alastrando sempre com dedos cada vez mais finos e exploradores. A forma do poder é o contorno de um ser vivo a estender-se para fora, fazendo as suas finas gavinhas chegarem um pouco mais longe, e depois um pouco mais ainda.

Esta é a forma dos rios que levam ao oceano — as gotas da nascente formam regatos, os regatos formam ribeiros, os ribeiros formam torrentes, o poder vai-se fortalecendo e jorrando, tornando-se mais robusto até se precipitar na gigantesca potência marinha.

Esta é a forma dos relâmpagos quando atingem a terra, vindos do céu. O rasgão no céu em forma de forquilha cria um padrão na carne ou na terra. Este mesmo padrão característico surge num bloco de acrílico atingido pela eletricidade. Encaminhamos a corrente elétrica através de caminhos ordeiros compostos por circuitos e interruptores, mas a forma que a eletricidade quer assumir é a de uma entidade viva, um feto, um ramo nu. O ponto de impacto no centro, a força a projetar-se para fora.

Esta mesma forma cresce dentro de nós, nas nossas árvores interiores de nervos e vasos sanguíneos. O tronco central, as vias que se dividem e subdividem. Os sinais transmitidos das pontas dos dedos à espinal medula e ao cérebro. Somos seres elétricos. A potência percorre-nos como o faz na natureza. Meus filhos, nada sucedeu aqui que não estivesse de acordo com as leis da natureza.

O poder propaga-se da mesma maneira entre as pessoas; é assim que deve ser. As pessoas formam aldeias, as aldeias transformam-se em cidades, as cidades vergam-se às metrópoles e as metrópoles aos estados. As ordens são enviadas do centro para as pontas. Os resultados são enviados das pontas para o centro. A comunicação é constante. Os oceanos não podem sobreviver sem nascentes, nem os robustos troncos das árvores sem os rebentos, nem o cérebro todo-poderoso sem as terminações nervosas. Acima como em baixo. Na periferia como no coração.

Assim sendo, existem duas formas de a natureza e a utilização do poder humano se alterarem. Uma é que uma ordem seja emitida do palácio, um comando dizendo às pessoas: «É assim.» Mas a outra, a mais certa, a mais inevitável, é que cada um dos milhares e milhares de pontos de luz envie uma nova mensagem. Quando as pessoas mudam, o palácio não pode suste-se.

Como está escrito: «Ela segurou o relâmpago nas mãos. Ordenou-lhe que caísse.»

do Livro de Eva, 13-17

Faltam dez anos

Roxy

Os homens fecham Roxy no armário enquanto o fazem. O que não sabem é que ela já antes esteve fechada naquele armário. Quando se porta mal, a mãe põe-na lá. Só por uns minutos. Até ela se acalmar. Lentamente, ao longo das horas que aí passou, ela conseguiu destrancar a fechadura, inserindo uma unha ou um clipe nos parafusos. Poderia ter aberto a fechadura a qualquer momento, se o quisesse. Mas não o fez, porque, então, a mãe teria posto um ferrolho do lado de fora. Basta-lhe saber, ali sentada no escuro, que, se realmente o quisesse, poderia sair dali. Essa certeza vale tanto como a liberdade.

É por isso que eles pensam que a têm trancada, sem apelo nem agravo. Mas ela pode sair. É assim que ela vê a questão.

Os homens chegam às 21.30. Nessa noite, Roxy devia ter ido a casa dos primos; estava combinado há semanas, mas ela refilou com a mãe por não lhe ter comprado os collants certos na Primark, por isso a mãe disse-lhe: «Não vais, ficas em casa.» Como se Roxy tivesse alguma vontade de ir visitar os seus detestáveis primos.

Quando os tipos entram com um pontapé na porta e a veem ali, amuada no sofá ao lado da mãe, um deles diz:

— Foda-se, a miúda está cá.

São dois homens, um mais alto com cara de rato e o outro mais baixo, de maxilar quadrado. Ela não os conhece.

O mais baixo agarra a mãe pelo pescoço; o mais alto persegue Roxy pela cozinha. Ela está quase a sair pela porta das traseiras quando ele lhe agarra a coxa; ela cai para a frente e ele prende-a pela cintura. Ela esperneia e grita:

— Vai-te foder, larga-me! — e, quando ele lhe tapa a boca com a mão, ela morde-o com tanta força que sente o sabor do sangue. Ele pragueja, mas não a larga. Arrasta-a pela sala de estar. O mais baixo empurrou a mãe contra a lareira. Roxy sente algo a avolumar-se dentro dela, embora não saiba o que é. É só uma sensação na ponta dos dedos, um formigueiro nos polegares.

Começa a gritar. A mãe está a dizer:

— Não façam mal à minha Roxy, não se atrevam a fazer-lhe mal, não sabem no que se estão a meter, isto vai cair-vos em cima como fogo, vão desejar nunca ter nascido. Que raio, o pai dela é o Bernie Monke!

O mais baixo ri-se.

— A propósito, trazemos uma mensagem do pai dela.

O mais alto atira Roxy para dentro do armário por baixo das escadas tão depressa que ela só percebe o que aconteceu quando se vê cercada pela escuridão e pelo cheiro doce a pó do aspirador. A mãe começa a gritar.

A respiração de Roxy acelera-se. Está assustada, mas tem de chegar junto da mãe. Roda um dos parafusos da fechadura com a unha. Uma, duas, três voltas e está solto. Uma faísca salta entre o metal do parafuso e a sua mão. Eletricidade estática. Sente-se estranha. Concentrada, como se pudesse ver com os olhos fechados. Parafuso de baixo, uma, duas, três voltas. A mãe está a dizer:

— Por favor. Por favor, não. Por favor. O que é isto? Ela é só uma miúda. É só uma criança, pelo amor de Deus.

Agora, um dos homens ri-se.

— Não me pareceu assim tão infantil.

Então, a mãe guincha; parece o chiar metálico de um motor avariado.

Roxy tenta perceber onde estão posicionados os homens. Um está com a mãe. O outro... ouve um som à sua esquerda. O seu plano é: sair dali a rastejar, atingir o mais alto na parte de trás dos joelhos, pontapear-lhe a cabeça e depois serão duas contra um. Se eles têm armas, ainda não as mostraram. Roxy já entrou em lutas. As pessoas falam dela. E da mãe. E do pai.

Um. Dois. Três. A mãe grita outra vez, e Roxy puxa a fechadura da porta e abre-a de rompante, com toda a sua força.

Tem sorte. A porta bateu no homem mais alto, por trás. Ele tropeça, vacila, ela agarra-lhe o pé direito ao vê-lo subir e ele cai pesadamente no tapete. Ouve-se um estalido e escorre-lhe sangue do nariz.

O homem mais baixo tem uma faca pressionada contra o pescoço da mãe. A lâmina faísca, prateada e sorridente.

Os olhos da mãe arregalam-se.

— Foge, Roxy — diz ela, num tom que não passa de um sussurro, mas Roxy ouve-a como se estivesse dentro da sua cabeça: — Foge. Foge.

Roxy não foge das lutas na escola. Se o fizesse, eles nunca mais deixariam de dizer: «A tua mãe é uma puta e o teu pai é um escroque. Cuidado,

a Roxy vai gamar-te o livro.» É preciso espezinhá-los até suplicarem. Não se foge.

Algo está a passar-se. O sangue martela-lhe aos ouvidos. Uma sensação de formigueiro alastra-lhe pelas costas, os ombros, a clavícula. Diz-lhe:

<Consegues fazê-lo.>

Diz-lhe:

<És forte.>

Salta sobre o homem caído, rosnando e dando-lhe patadas no rosto. Vai pegar na mão da mãe e sair dali. Só têm de chegar à rua. Isto não pode acontecer lá fora, em pleno dia. Vão encontrar o pai; ele resolverá tudo. São só alguns passos. Vão conseguir.

O homem mais baixo dá um forte pontapé no estômago da mãe de Roxy. Ela dobra-se de dor e cai de joelhos. Ele brande a faca na direção de Roxy.

O homem mais alto geme.

— Tony. Lembra-te. A miúda, não.

O homem mais baixo dá um pontapé na cara do outro. Uma. Duas. Três vezes.

— Não. Digas. A porra do meu nome.

O homem alto cala-se. O sangue borbulha-lhe no rosto. Roxy sabe que, agora, está em apuros. A mãe está a gritar:

— Foge! Foge!

Roxy sente uma espécie de agulhas a percorrerem-lhe os braços. Como alfinetadas de luz da coluna vertebral à clavícula, do pescoço aos cotovelos, aos pulsos, às pontas dos dedos. Está a cintilar por dentro.

Ele estende uma mão para ela, segurando a faca com a outra. Ela prepara-se para lhe dar um pontapé ou um murro, mas o instinto dá-lhe outra ideia. Agarra-lhe o pulso. *Torce* alguma coisa nas profundezas do seu peito, como se sempre tivesse sabido fazê-lo. Ele contorce-se, tentando libertar-se, mas é demasiado tarde.

Ela segura o relâmpago nas mãos. Ordena-lhe que caia.

Uma luz súbita crepita e ouve-se um som como o de uma guilhotina de papel. Roxy sente um cheiro a trovoada e cabelo queimado. O sabor que se lhe acumula por baixo da língua é a laranjas ácidas. Agora, o homem mais baixo está no chão. Grita a meia-voz, sem palavras. A sua mão abre-se e fecha-se num punho. Tem uma cicatriz comprida e vermelha que lhe sobe pelo braço, desde o pulso. É visível mesmo por baixo dos pelos louros;

escarlate, com um padrão como um feto, com folhas e gavinhas, rebentos e ramos. A mãe tem a boca aberta e fita-a, com as lágrimas ainda a cair.

Roxy puxa pelo braço da mãe, mas ela está horrorizada e lenta e a sua boca ainda diz:

— Foge! Foge!

Roxy não sabe o que fez, mas sabe que, quando se está a lutar com alguém mais forte e o adversário está caído, é altura de sair. Mas a mãe não se mexe com rapidez suficiente. Antes que Roxy consiga levantá-la, o homem mais baixo já está a dizer:

— Ah, não, nem penses.

Ele move-se com cautela, pondo-se de pé e coxeando entre elas e a porta. Tem uma mão caída ao lado do corpo, mas, com a outra, ainda segura a faca. Roxy lembra-se da sensação de fazer aquilo, seja o que for que tenha feito. Puxa a mãe para trás de si.

— O que tens aí, menina? — pergunta o homem. Tony. Lembrar-se-á do nome para dizer ao pai. — Tens uma bateria?

— Sai da frente — diz Roxy. — Queres mais uma dose?

Tony recua alguns passos. Observa-lhe os braços. Espreita para ver se ela esconde alguma coisa por trás das costas.

— Deixaste-a cair, não foi, miúda?

Ela lembra-se da sensação. Da torção, da explosão para fora.

Dá alguns passos na direção de Tony. Ele mantém a posição. Ela dá mais um passo. Ele olha para a mão inerte. Os dedos ainda se contraem com espasmos. Abana a cabeça.

— Não tens nada.

Avança para ela com a faca. Ela estende o braço e toca-lhe nas costas da mão boa. Faz a mesma *torção*.

Não acontece nada.

Ele começa a rir. Segura a faca com os dentes. Agarra-lhe os dois pulsos com a mão boa.

Ela tenta outra vez. Nada. Ele obriga-a a ajoelhar-se.

— Por favor — diz a mãe, suavemente. — Por favor. Por favor, não.

E, então, alguma coisa a atinge na nuca e ela perde os sentidos.

Quando acorda, o mundo está de lado. Ali está a lareira, como sempre. Com enfeites de madeira em volta. Está a entrar-lhe pelos olhos, e dói-lhe a cabeça e tem a boca esmagada contra o tapete. Os dentes sabem-lhe a

sangue. Alguma coisa está a pingar. Fecha os olhos. Volta a abri-los e sabe que já passaram mais do que alguns minutos. Lá fora, a rua está silenciosa. A casa está fria. E torta. Sente-se fora do seu corpo. Tem as pernas sobre uma cadeira. O seu rosto está caído, pressionado contra o tapete e a lareira. Tenta erguer-se, mas o esforço é demasiado grande, por isso contorce-se e deixa as pernas caírem para o chão. A queda magoa-a, mas, pelo menos, está toda ao mesmo nível.

A memória regressa em vislumbres rápidos. A dor, depois a fonte da dor, depois aquilo que fez. Depois, a mãe. Tenta levantar-se devagar, reparando, ao fazê-lo, que tem as mãos pegajosas. E que alguma coisa está a pingar. O tapete está ensopado, com uma mancha vermelha espessa que forma um círculo largo em volta da lareira. Ali está a mãe, com a cabeça tombada por cima do braço do sofá. E tem um papel pousado no peito, com um desenho de uma prímula¹ a caneta de feltro.

Roxy tem 14 anos. É uma das mais jovens, e uma das primeiras.

¹ Em inglês, *primrose*, que adiante se virá a saber ser o nome do responsável pelo ataque — *N. da T.*

Tunde

Tunde está a fazer piscinas, causando mais salpicos do que o necessário, para que Enuma repare nele sem ter de mostrar que quer fazer-se notado. Ela folheia a *Today's Woman*; volta os olhos para a revista de cada vez que ele levanta o olhar, fingindo estar interessadíssima na leitura acerca de Toke Makinwa e da transmissão do seu inesperado casamento de inverno no seu canal do YouTube. Ele percebe que Enuma está a observá-lo. E acha que ela percebe que ele percebe. É excitante.

Tunde tem 21 anos, e acaba de sair daquela fase da vida em que tudo parecia ser do tamanho errado, demasiado curto ou comprido, apontar na direção errada, ser difícil de manobrar. Enuma é quatro anos mais nova, mas mais mulher do que ele é homem, reservada mas não ignorante. Não demasiado tímida na maneira de andar ou no sorriso rápido que lhe ilumina o rosto quando percebe uma piada um momento antes de toda a gente. Está de visita a Lagos, vinda de Ibadan; é prima de um amigo de um rapaz que Tunde conhece da aula de fotojornalismo, na universidade. Há um grupo deles que tem andado por aí a divertir-se durante o verão. Tunde reparou nela logo no dia em que chegou; no seu sorriso reservado e nas suas piadas que, a princípio, ele não percebia que eram piadas. E na curva da sua anca, e na forma como enche as t-shirts, claro. Não foi fácil conseguir ficar a sós com Enuma. Mas se há qualidade que Tunde possui, é a determinação.

Enuma disse, pouco tempo depois de chegar, que nunca gostara de praia: demasiada areia, demasiado vento. As piscinas agradavam-lhe mais. Tunde esperou um, dois, três dias e depois sugeriu um passeio — podíamos ir todos à praia de Akodo, fazer um piquenique, passar lá o dia. Enuma disse que preferia não ir. Tunde fingiu não reparar. Na noite antes do passeio, começou a queixar-se de não se sentir bem do estômago. É perigoso nadar com problemas de estômago — a água fria pode causar um choque térmico. É melhor ficares em casa, Tunde. Mas vou perder o passeio à praia. Não deves ir nadar no mar. A Enuma fica aqui; pode ir chamar um médico, se for preciso.

Uma das raparigas disse:

— Mas vão ficar os dois aqui sozinhos, nesta casa.

Tunde desejou que ela fosse atingida por um raio nesse mesmo momento.

— Os meus primos vêm mais tarde — disse.

Ninguém perguntou quais primos. Era um daqueles verões quentes e ociosos em que as pessoas entravam e saíam, indolentemente, da casa grande do outro lado da esquina do Clube Ikoyi.

Enuma aquiesceu. Tunde reparou na sua ausência de protestos. Não acariciou as costas da amiga, pedindo-lhe que também ficasse em casa. Não disse nada quando ele se levantou meia hora depois de o último carro ter partido, se espreguiçou e declarou sentir-se muito melhor. Ela viu-o saltar da pequena prancha para a piscina, brindando-o com o seu sorriso rápido.

Ele dá uma volta debaixo de água. Faz bem a manobra, e os seus pés mal tocam a superfície. Pergunta-se se ela o terá visto fazê-la, mas ela não está lá. Olha em volta e vê as pernas bem torneadas e os pés descalços dela a saírem da cozinha. Traz uma lata de *Coca-Cola*.

— Ei — diz ele, num tom fingidamente senhorial. — Ei, serva, traz-me essa *Coca-Cola*.

Ela vira-se e sorri com olhos grandes e límpidos. Olha para um lado e para o outro, e aponta com um dedo para o seu peito, como que a perguntar, quem, eu?

Jesus, como a deseja. Não sabe exatamente o que fazer. Só teve duas raparigas antes dela e nenhuma delas se tornou “namorada”. Na universidade, dizem por graça que ele é casado com os estudos, por andar sempre tão sozinho. Não gosta disso. Mas tem estado à espera de alguém que realmente deseje. Ela tem alguma coisa. Ele deseja o que ela tem.

Espalma as mãos nos azulejos molhados e ergue-se para fora da água, pondo-se de pé sobre a pedra num movimento gracioso que sabe que revela os músculos dos ombros, do peito e do pescoço. Tem um bom pressentimento. Isto vai resultar.

Ela senta-se numa espreguiçadeira. Enquanto ele se aproxima, ela insere as unhas sob a argola da lata, como se estivesse prestes a abri-la.

— Oh, não — diz ele, ainda a sorrir. — Sabes que essas coisas não são para pessoas como tu.

Ela agarra a *Coca-Cola* e encosta-a à barriga. Deve estar fria, contra a sua pele. Ela diz, em tom recatado:

— Só quero provar um bocadinho. — Morde o lábio inferior.

Deve estar a fazer de propósito. Tem de estar. Ele está excitado. Isto vai acontecer.

Aproxima-se mais dela, ainda de pé.

— Dá-ma.

Ela segura a lata com uma mão e fá-la deslizar pelo pescoço, como que para se refrescar. Abana a cabeça. E, então, ele está sobre ela.

Fazem de conta que lutam. Ele tem o cuidado de não a forçar realmente. Tem a certeza de que ela está a gostar tanto daquilo como ele. O braço dela ergue-se acima da cabeça, segurando a lata, para a manter fora do alcance dele. Ele empurra-lhe o braço um pouco mais para trás, fazendo-a arquejar e torcer-se para trás. Tenta alcançar a lata de *Coca-Cola* e ela ri-se, num tom baixo e doce. Ele gosta do seu riso.

— Aha, a tentares roubar essa bebida ao teu amo e senhor — diz. — Que serva malvada.

E ela ri-se de novo e contorce-se mais um pouco. Os seus seios levantam-se contra o decote em V do fato de banho.

— Nunca a terás — declara. — Vou defendê-la com a própria vida!

E ele pensa: esperta e bonita, que o Senhor tenha piedade da minha alma. Ela ri, ele ri. Ele apoia o peso do corpo sobre o dela; ela está quente por baixo dele.

— Achas que consegues ficar com ela? — Investe outra vez, e ela torce-se para lhe escapar. Ele agarra-lhe a cintura.

Ela cobre-lhe a mão com a sua.

Há um aroma a flor de laranjeira. Levanta-se uma aragem que atira alguns punhados de flores brancas para dentro da piscina.

Ele sente algo na mão, como se um inseto o tivesse picado. Olha para baixo, para o enxotar, mas a única coisa na sua mão é a palma da mão quente dela.

A sensação cresce, rápida e inexoravelmente. A princípio, são umas picadas na mão e no antebraço, depois um fervilhar de picadas incessantes, depois vem a dor. A sua respiração está demasiado acelerada para que ele possa emitir um som. Não consegue mover o braço esquerdo. O bater do coração ensurdece-o. Tem o peito apertado.

Ela continua a dar risinhos, suaves e baixos. Ele inclina-se para a frente e puxa-a mais para si. Ela olha-o nos olhos, com as íris matizadas de castanho e dourado e o lábio inferior húmido. Ele está assustado. Está excitado. Apercebe-se de que não conseguiria detê-la, fosse o que fosse que ela decidisse fazer naquele momento. Aquela ideia é aterrorizante. Aquela ideia

é eletrizante. Ele está, agora, dolorosamente ereto, e não sabe quando isso aconteceu. Não sente nada no braço esquerdo.

Ela inclina-se para a frente, com hálito a pastilha elástica, e beija-o suavemente nos lábios. Depois, afasta-se, corre para a piscina e mergulha, num movimento fluido e treinado.

Ele espera voltar a sentir o braço. Ela faz piscinas em silêncio, sem o chamar ou lhe atirar água. Ele sente-se excitado. Sente-se envergonhado. Quer falar com ela, mas tem medo. Talvez tenha imaginado tudo. Talvez ela o insulte se lhe perguntar o que aconteceu.

Vai ao quiosque, à esquina da rua, comprar um sumo de laranja gelado, para não ter de falar com ela. Quando os outros voltam da praia, ele concorda de bom grado com o plano de ir visitar um primo afastado no dia seguinte. Quer desesperadamente distrair-se e não estar sozinho. Não sabe o que aconteceu, nem há ninguém com quem possa falar do assunto. Quando pensa em discuti-lo com o seu amigo Charles, ou com Isaac, a garganta fecha-se-lhe. Se lhes contasse o que aconteceu, achá-lo-iam louco, ou fraco, ou mentiroso. Pensa na forma como ela se riu dele.

Dá por si a perscrutar o rosto dela, em busca de sinais do que aconteceu. O que foi aquilo? Ela terá feito de propósito? Terá planeado, especificamente, magoá-lo ou assustá-lo, ou foi apenas um acidente involuntário? Ela saberá sequer o que fez? Ou não foi ela a fazê-lo, mas alguma disfunção do seu próprio corpo relacionada com o desejo? Tudo aquilo o martiriza. Ela não dá qualquer sinal de que alguma coisa tenha acontecido. Mas, no último dia da sua visita, está de mão dada com outro rapaz.

Existe uma vergonha que alastra pelo seu corpo como ferrugem. Revê compulsivamente aquela tarde. À noite, na cama: os lábios dela, os seios dela fazendo pressão contra o tecido macio, o contorno dos mamilos, a absoluta vulnerabilidade dele, a sensação de que ela o poderia dominar, se o quisesse. Essa ideia excita-o, e ele toca-se. Diz a si mesmo que está excitado pela recordação do corpo dela, pelo cheiro dela a flores de hibisco, mas não tem a certeza. Agora, tudo se lhe mistura na mente: desejo e poder, desejo e medo.

Talvez por ter visto tantas vezes, mentalmente, as imagens daquela tarde, por ter desejado obter alguma prova forense, uma fotografia, ou um vídeo, ou um registo de som, talvez por isso, no supermercado, a primeira coisa que lhe ocorre seja pegar no telemóvel. Ou talvez tenha absorvido algumas das coisas que lhes têm tentado ensinar na universidade — sobre jornalismo cidadão, sobre o “faro para a história”.

Está no Goodies com o seu amigo Isaac, poucos meses depois daquele dia com Enuma. Estão na secção de fruta, inalando o doce odor a goiabas maduras que lhes chega do outro lado da loja, como as moscas minúsculas que se instalam na superfície dos frutos demasiado maduros e cortados ao meio. Tunde e Isaac discutem sobre raparigas, e do que elas gostam. Tunde tenta manter a sua vergonha enterrada nas profundezas do seu corpo, para que o amigo não consiga adivinhar que ele tem conhecimentos secretos. E, então, uma rapariga que anda a fazer compras sozinha começa a discutir com um homem. Ele deve ter uns 30 anos; ela talvez tenha 15 ou 16.

Ele estivera a dirigir-lhe falinhas mansas; Tunde pensara, no início, que os dois se conheciam. Só percebe o seu erro ao ouvi-la dizer:

— Afaste-se de mim.

O homem sorri de imediato e dá um passo na direção dela.

— Uma menina tão bonita merece um elogio.

Ela inclina-se, olha para baixo, respira pesadamente. Crava as unhas na borda de uma caixa de madeira cheia de mangas. Há uma sensação; esta arrepia a pele. Tunde tira o telemóvel do bolso e liga a gravação de vídeo. Vai acontecer aqui alguma coisa igual ao que aconteceu com ele. Quer possuir as imagens, poder levá-las para casa e vê-las uma e outra vez. Anda a pensar naquilo desde o dia com Enuma, na esperança de que aconteça alguma coisa daquele género.

O homem diz:

— Ei, não me vires as costas. Faz-me um sorriso.

Ela engole em seco e continua a olhar para baixo.

Os aromas do supermercado tornam-se mais intensos; Tunde consegue detetar, numa única inalação, as fragrâncias individuais das maçãs, dos pimentões e das laranjas doces.

Isaac sussurra:

— Acho que ela vai atirar-lhe uma manga.

Podeis vós guiar os relâmpagos? Ou eles dizem-vos: «Aqui estamos»?

Tunde está a gravar quando ela se vira. O ecrã do seu telefone ondula por um momento, quando ela ataca. Tirando isso, apanha tudo com toda a clareza. Ali está ela, levando a mão ao braço dele enquanto ele sorri e pensa que ela está a brincar, fingindo-se zangada. Parando o vídeo neste ponto, vê-se a descarga a ocorrer. Observa-se o contorno de uma figura de Lichtenberg, rodopiando e ramificando-se como um rio ao longo da pele dele, do pulso até ao cotovelo, à medida que os capilares rebentam.

Tunde segue-o com a câmara enquanto ele cai ao chão, com convulsões

e a sufocar. Roda sobre si mesmo para a manter dentro da imagem quando ela foge do supermercado. Há o ruído de fundo das pessoas a pedirem ajuda, dizendo que uma rapariga envenenou um homem. Que lhe bateu e o envenenou. Que o picou com uma agulha, injetando-lhe veneno. Ou, não, há uma serpente no meio da fruta, uma víbora ou cobra africana escondida na fruta empilhada. E alguém diz:

— *Aje ni girl yen, sha!* Aquela rapariga era uma bruxa! É assim que as bruxas matam os homens.

A câmara de Tunde volta à figura no chão. Os calcanhares do homem batem nos azulejos de linóleo. Uma espuma cor-de-rosa brota-lhe dos lábios. Os olhos rolaram-lhe para trás. A sua cabeça sacode-se de um lado para o outro. Tunde pensara que, se conseguisse capturar o fenómeno na janela brilhante do seu telefone, deixaria de ter medo. Mas, ao ver o homem a tossir muco vermelho e a chorar, sente o medo descer-lhe pela espinha como um fio eléctrico quente. Então, compreende o que sentiu junto à piscina: que Enuma poderia tê-lo matado, se quisesse. Mantém a câmara apontada ao homem até a ambulância chegar.

É este vídeo que, quando ele o põe online, inicia o assunto do Dia das Raparigas.

Margot

— Tem de ser falso.

— A Fox News diz que não é.

— A Fox News diz o que quer que faça o maior número de pessoas possível sintonizar a Fox News.

— Claro. Mesmo assim.

— O que são aquelas linhas a sair das mãos dela?

— Eletricidade.

— Mas isso é... quero dizer...

— Pois.

— De onde veio?

— Da Nigéria, acho eu. Foi publicado ontem.

— Há muitos malucos por aí, Daniel. Falsificadores. Intrujões.

— Há mais vídeos. Desde que este saiu, já apareceram... quatro ou cinco.

— Falsos. As pessoas ficam entusiasmadas com estas coisas. É um, como se chama... um *meme*. Já ouviste falar naquilo do Homem Esguio? Houve raparigas que tentaram matar os amigos como tributo a ele. A essa coisa. Horrível.

— São quatro ou cinco vídeos por *hora*, Margot.

— Foda-se.

— Pois.

— Bem, e o que queres que eu faça?

— Fecha as escolas.

— Consegues sequer *imaginar* o que ouvirei dos pais? Consegues imaginar quantos milhões de *pais eleitores* existem, e o que farão se lhes mandar os filhos para casa hoje?

— Consegues imaginar o que ouvirás dos sindicatos dos professores se um dos seus membros for ferido? Ou ficar aleijado? Ou for morto? Imagina a *responsabilidade*.

— *Morto?*

— Não podemos saber ao certo.

Margot baixa os olhos para as mãos, agarradas à extremidade da mesa. Vai fazer figura de idiota, ao alinhar naquilo. Tem de ser um truque de um programa televisivo. Ela será a miolos de galinha, a Presidente da Câmara que fechou as escolas de uma das principais áreas metropolitana por causa de uma maldita *partida*. Mas, se não as fechar e algo acontecer... Daniel será o Governador daquele grande estado, ele que avisou a Presidente da Câmara, que tentou convencê-la a fazer alguma coisa, mas em vão. Quase consegue ver as lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto durante a entrevista que ele dará em direto a partir da Mansão do Governador. Foda-se.

Daniel verifica o telefone.

— Já anunciaram encerramentos em Iowa e em Delaware — diz.

— Muito bem.

— E “muito bem” quer dizer...?

— “Muito bem” quer dizer “muito bem”. Está feito. Muito bem, eu fecho-as.

Há quatro ou cinco dias que mal vai a casa. Não se lembra de sair do escritório, de fazer o caminho de volta, de se deitar, embora suponha que deva ter feito tudo isso. O telefone não para. Vai para a cama com ele na mão e acorda com ele na mão. Bobby tem as miúdas com ele, por isso não precisa de pensar nelas e, Deus a perdoe, elas nem lhe têm passado pela cabeça.

Aquilo está a alastrar pelo mundo e ninguém sabe o que raio se passa.

No início, apareceram rostos confiantes na televisão, porta-vozes do CDC² a dizer que era um vírus, não muito grave, que a maioria das pessoas recuperava bem, e que só *parecia* haver raparigas a eletrocutarem pessoas com as mãos. Todos sabemos que isso é impossível, um disparate — os pivôs de notícias riam-se tanto que estalavam a maquilhagem. Só por curiosidade, foram buscar dois biólogos marinhos para falarem de enguias elétricas e dos seus padrões corporais. Um tipo de barba, uma mulher de óculos, peixes de aquário num reservatório — bom material para um segmento matinal sólido. Sabias que o tipo que inventou a bateria se inspirou nos corpos das enguias elétricas? Não sabia, Tom, isso é fascinante. Ouvi dizer que conseguem abater um cavalo. Não me digas, nunca imaginei. Parece que um laboratório no Japão retirou a energia para as luzes das árvores de Natal de um reservatório de enguias elétricas. Não podemos fazer isso com estas raparigas, pois não? Parece-me que não, Kristen, parece-me que não.

² Centro de Controlo e Prevenção de Doenças dos EUA — *N. da T.*

Por falar nisso, o Natal não parece chegar cada ano mais cedo? E agora, o tempo, já a seguir.

Margot e a Presidência da Câmara levaram o assunto a sério vários dias antes de as redações compreenderem que era um problema real. Foram eles que obtiveram os primeiros relatos de lutas nos recreios. Um estranho novo tipo de luta, que deixa os rapazes — sobretudo os rapazes, mas por vezes também raparigas — sem fôlego e cheios de espasmos, com cicatrizes como folhas a desenrolar-se subindo-lhes pelos braços ou pernas ou cruzando-lhes a carne macia do tronco. A primeira ideia que lhes ocorreu após o surgimento da doença foi uma nova arma, algo que os miúdos estivessem a levar para a escola, mas, quando a primeira semana passou e começou a segunda, souberam que não era isso.

Agarram-se a qualquer teoria louca que apareça, sem saberem como destrinçar o plausível do ridículo. Pela noite dentro, Margot lê um relatório de uma equipa em Deli que foi a primeira a descobrir a faixa de músculos estriados sobre as clavículas das raparigas, a que deram o nome de órgão da eletricidade, ou *meada*, por causa dos seus fios retorcidos. Em pontos situados no pescoço, encontram-se eletroreceptores que, segundo pensam, permitem uma forma de ecolocalização elétrica. Os botões da meada haviam sido observados através de ressonâncias magnéticas às clavículas de meninas recém-nascidas. Margot fotocopia aquele relatório e envia-o por e-mail para todas as escolas do estado; durante vários dias, será o único dado científico fiável entre uma legião de interpretações incompreensíveis. Até Daniel lhe fica momentaneamente grato, antes de se lembrar de que a odeia.

Um antropólogo israelita sugere que o desenvolvimento deste órgão em seres humanos é uma prova conclusiva da hipótese do macaco aquático; de que somos desprovidos de pelos porque viemos dos oceanos, e não das selvas, onde, em tempos, aterrorizámos as profundezas como as enguias elétricas e as raias elétricas. Pregadores e tele-evangelistas pegam na notícia e espremem-na, encontrando nas suas pegajosas entranhas sinais inequívocos da iminência do final dos tempos. Estala um confronto ao murro num popular programa de debate noticioso entre um cientista que exige que as Raparigas Elétricas sejam investigadas cirurgicamente e um religioso que acredita que elas são um prenúncio do Apocalipse e não devem ser tocadas por mãos humanas. Já existe uma polémica sobre se isto sempre esteve latente no genoma humano e foi agora despertado ou se é uma mutação, uma terrível deformidade.

Antes de dormir, Margot pensa em formigas com asas e em como havia sempre um dia, todos os verões, em que a casa do lago era invadida por elas, formando uma camada espessa sobre o solo, agarrando-se às ombreiras de madeira, vibrando nos troncos das árvores, e o ar ficava tão saturado de formigas que parecia impossível respirar sem as inalar. Essas formigas vivem no subsolo, durante todo o ano, totalmente sozinhas. Saem dos ovos, comem o que encontram — pó e sementes, ou coisas assim — e esperam, e esperam. E, um dia, quando estiver a temperatura certa durante o número certo de dias e quando a humidade for exatamente a ideal... emergem todas ao mesmo tempo. Para se encontrarem umas às outras. Margot não poderia contar este pensamento a ninguém. As pessoas pensariam que ela tinha enlouquecido com o stress, e Deus sabe que não faltariam candidatos a substituí-la. Ainda assim, deitada na cama depois de um dia a lidar com relatórios de miúdos queimados e miúdos com convulsões e gangues de raparigas a lutar e a serem presos para sua própria proteção, pensa: *porquê agora? Porquê precisamente agora?* E não para de se lembrar daquelas formigas, à espera do momento certo, à espera da primavera.

Passadas três semanas, recebe uma chamada de Bobby, para dizer que Jocelyn foi apanhada a lutar.

Tinham separado os rapazes das raparigas ao quinto dia; parecia a medida óbvia, depois de terem percebido que eram as raparigas que o faziam. Já havia pais a recomendar aos filhos que não saíssem sozinhos, que não se afastassem muito.

— Depois de ver isto acontecer... — diz uma mulher de rosto cinzento na televisão. — Vi uma rapariga, no parque, fazê-lo a um rapaz sem motivo nenhum, e ele estava a sangrar dos olhos. Dos *olhos*. Depois de ver isto acontecer, nenhuma mãe perderia os seus filhos de vista.

As coisas não podiam ficar fechadas para sempre; reorganizaram-se. Autocarros só para rapazes levavam-nos em segurança para escolas só para rapazes. Eles adaptaram-se facilmente. Bastava verem alguns vídeos online para o medo os atingir na garganta.

Mas, para as raparigas, não tem sido assim tão simples. Não é possível mantê-las separadas umas das outras. Algumas estão zangadas, outras são más, e, agora que tudo foi desvendado, algumas competem entre si para provarem a sua força e capacidade. Já houve feridas e acidentes; uma rapariga foi cegada por outra. Os professores têm medo. Os analistas televisivos dizem: «Prendam-nas todas, segurança máxima.» Segundo parece, são todas as raparigas por volta dos 15 anos. Ou tantas que, mesmo que não

sejam todas, a diferença é irrelevante. Não se pode prendê-las todas, não faz sentido. Mas é isso que as pessoas pedem.

Agora, Jocelyn foi apanhada a lutar. A imprensa recebe a notícia antes que Margot consiga chegar a casa para ver a filha. Quando chega, há carrinhas de canais noticiosos instaladas no seu jardim da frente. Senhora Presidente da Câmara, quer comentar os rumores de que a sua filha mandou um rapaz para o hospital?

Não, ela não quer comentar.

Bobby está na sala de estar com Maddy. Ela está sentada no sofá, entre as pernas dele, bebendo leite e vendo as *Powerpuff Girls*. Levanta os olhos para a mãe quando esta entra, mas não se mexe, e volta a olhar para a televisão. Dez anos, a caminho dos 15. OK. Margot beija o topo da cabeça de Maddy, embora esta tente espreitar para trás dela, para ver o ecrã. Bobby aperta a mão de Maddy.

— Onde está a Jos?

— Lá em cima.

— E?

— Está tão assustada como todos nós.

— Pois.

Margot fecha a porta do quarto suavemente.

Jocelyn está em cima da cama, de pernas estendidas. Está abraçada ao Sr. Urso. É uma criança, apenas uma criança.

— Eu devia ter telefonado — diz Margot —, assim que isto começou. Desculpa.

Jocelyn está quase em lágrimas. Margot senta-se na cama devagar, como que para não fazer transbordar o copo.

— O pai diz que não feriste ninguém, pelo menos com gravidade.

Há uma pausa, mas Jos não diz nada, por isso Margot continua a falar.

— Havia... mais três raparigas? Sei que foram eles que começaram. Esse rapaz nunca devia ter-se aproximado de ti. Foram todos examinados no John Muir. Só assustaste o miúdo.

— Eu sei.

Muito bem. Comunicação verbal. É um começo.

— Foi a... primeira vez que o fizeste?

Jocelyn revira os olhos. Repuxa o edredão com uma mão.

— Isto é novo para ambas, OK? Há quanto tempo o fazes?

Ela murmura algo em voz tão baixa que Margot mal a ouve.

— Seis meses.

— Seis *meses*?

Resposta errada. Nunca mostrar incredulidade ou alarme. Jocelyn ergue os joelhos.

— Desculpa — diz Margot. — É que... é uma surpresa, só isso.

Jos franze o sobrolho.

— Houve muitas raparigas que começaram antes de mim. Era... era engraçado... no princípio, era como eletricidade estática.

Eletricidade estática. O quê, escovar o cabelo e colar-lhe um balão? Uma brincadeira para miúdos entediados de 6 anos em festas de anos.

— Era uma coisa engraçada, estranha, que as raparigas faziam. Havia vídeos secretos online. Como usá-la para fazer truques.

Sim, é aquele momento exato em que qualquer segredo que se tenha dos pais se torna precioso. Qualquer coisa que se saiba e de que eles nunca tenham ouvido falar.

— Como... como aprendeste a fazê-lo?

Jos diz:

— Não sei. Só senti que podia fazê-lo, *OK*? É como uma espécie de... *torção*.

— Porque não disseste nada? Porque não me disseste?

Ela olha, pela janela, para o jardim. Para além da vedação alta das tra-seiras, já se juntam homens e mulheres com câmaras.

— Não sei.

Margot lembra-se de tentar falar com a sua mãe acerca de rapazes ou das coisas que aconteciam nas festas. Acerca do que era *ir longe de mais*, de onde deveria parar a mão de um rapaz. Lembra-se da impossibilidade absoluta dessas conversas.

— Mostra-me.

Jos estreita os olhos.

— Não posso... ia magoar-te.

— Tens treinado? Consegues controlá-lo suficientemente bem para teres a certeza de que não me matas, nem me provocas um ataque?

Jos inspira fundo. Distende as bochechas. Deita o ar fora devagar.

— Sim.

A mãe assente com a cabeça. Esta é a filha que conhece: conscienciosa e séria. Ainda é a Jos.

— Então, mostra-me.

— Não consigo controlá-lo o suficiente para não doer, OK?

— Vai doer muito?

Jos abre os dedos e olha para as palmas das mãos.

— A minha energia vai e vem. Uma vez é forte, outras nem se sente.

Margot aperta os lábios.

— OK.

Joe estende a mão, depois retira-a.

— Não quero fazê-lo.

Em tempos, cada prega do corpo daquela criança pertencia a Margot, que a limpava e cuidava. Não gosta de não conhecer a força da própria filha.

— Chega de segredos. Mostra-me.

Jos está quase em lágrimas. Pousa o indicador e o dedo médio no braço da mãe. Margot espera ver Jos *fazer* alguma coisa; suster a respiração, ou franzir as sobrancelhas, ou retesar os músculos do braço, mas nada acontece. Só a dor.

Leu os relatórios preliminares do CDC, segundo os quais o poder «afeta particularmente os centros de dor do cérebro humano», o que significa que, embora pareça uma eletrocussão, dói mais do que o necessário. É uma pulsação direcionada que desencadeia uma resposta nos recetores de dor do corpo. Ainda assim, esperava que fosse visível; esperava ver a pele ficar quebradiça e enrugar-se, ou observar a corrente em arco, rápida como a dentada de uma serpente.

Em vez disso, sente o cheiro a folhas molhadas depois de uma tempestade. Um pomar de maçãs com frutos caídos da árvore a apodrecer, como na quinta dos seus pais.

E, depois, a dor. A partir do ponto do seu antebraço onde Jos a toca, começa como uma dor surda nos ossos. Como numa gripe, propaga-se através dos músculos e das articulações. Torna-se mais profunda. Alguma coisa está a partir-lhe o osso, a torcê-lo, a dobrá-lo, e ela quer dizer a Jos que pare, mas não consegue abrir a boca. Enterra-se-lhe no osso como se este estivesse a estilhaçar-se a partir de dentro; não consegue evitar ver um tumor, um caroço sólido e pegajoso a rebentar na medula do seu braço, partindo o cúbito e o rádio em fragmentos afiados. Sente-se agoniada. Quer gritar. A dor irradia-lhe pelo braço e pelo corpo, causando-lhe náuseas. Agora, já não há qualquer pedaço de si que a dor não tenha tocado; sente-a ecoar-lhe na cabeça e descer-lhe pela espinal medula, atravessando-lhe as costas, rodeando-lhe a garganta e espalhando-se-lhe pela clavícula.

A clavícula. Foram só alguns segundos, mas pareceram uma eternidade.

Só a dor consegue concentrar tanto a atenção no corpo; é assim que Margot repara no eco que lhe ressoa no peito, em resposta. Por entre as florestas e as montanhas de dor, há uma nota harmoniosa ao longo da sua clavícula. Uma comunicação entre iguais.

Isto lembra-lhe alguma coisa. Um jogo que jogava quando era miúda. Que engraçado: não pensava nesse jogo há anos. Nunca falara nele a ninguém; sabia que não devia, embora não soubesse como sabia. No jogo, ela era uma bruxa, e conseguia formar uma bola de luz na palma da mão. Os irmãos fingiam ser homens do espaço com armas de raios em plástico que haviam comprado com pontos das caixas de cereais, mas o joguinho que ela jogava sozinha por entre as faias que orlavam a propriedade onde viviam era diferente. No seu jogo, não precisava de armas, ou de capacetes espaciais, ou de sabres de luz. No jogo que Margot jogava quando era miúda, ela bastava-se a si própria.

Sente um formigueiro no peito, nos braços e nas mãos. Como um braço dormente a acordar. A dor ainda não passou, mas é irrelevante. Há algo mais a acontecer. Instintivamente, enterra as mãos no edredão de retalhos de Jocelyn. Sente o odor das faias, como se estivesse, novamente, por baixo dos seus ramos protetores, banhada pelo aroma almiscarado a madeira antiga e a barro húmido.

Ela enviou o seu relâmpago até ao fim da Terra.

Quando abre os olhos, há um padrão em volta de cada uma das suas mãos. Círculos concêntricos, claros e escuros, claros e escuros, cauterizados no edredão, onde as suas mãos o agarraram. E percebe, sentiu aquela *torção*, e lembra-se de que talvez sempre a tenha conhecido e ela sempre lhe tenha pertencido. Para a segurar na sua mão. Para a mandar cair.

— Oh, meu Deus — diz ela. — Oh, meu Deus.